

A Importância da Comunicação Antirracista¹

Valmir Teixeira de ARAUJO²
Larissa Hellen Lins de Oliveira³
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Discutir a importância da construção de uma comunicação antirracista, frente as diversas limitações do debate racial nos meios de comunicação, por meio de estudos afrocentradas. Destacar a papel da comunicação antirracista, a partir do jornalismo e a assessoria de imprensa no debate público. Trata-se de uma pesquisa com base bibliográfica que permite apresentar contribuições para se discutir a importância da comunicação antirracista como um avanço no combate ao racismo a partir de uma compreensão teórica afrodiásporo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Antirracista; Racismo, Jornalismo

INTRODUÇÃO

O Brasil foi o último país do continente americano a pôr fim a escravidão do povo negro, somando mais de 300 anos de um sistema opressor, sustentado no racismo e respaldado por um Estado. Após a abolição da escravidão, em 1888, esse mesmo Estado passou a negligenciar as condições de vida dos ex-escravizados e seus descendentes e a incentivar uma política voltada para a emigração de corpos brancos para ocupar - como assalariados - os postos de trabalhos em que outrora estavam os negros. Esse panorama geral já nos leva a pensar na importância de ações antirracistas para minimizar o abismo social-financeiro entre brancos e negros num país em que a maioria da população é descendente dos povos escravizados.

Nesse sentido, a comunicação antirracista acaba por ter uma dimensão especial, pois é preciso reconhecer o papel histórico dos meios de comunicação para a situação atual de tantas desigualdades. Importar reconhecer que o jornalismo teve e ainda tem um papel primordial nessa estrutura de desigualdades e por isso é importante pensar nas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Negro, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília FAC-UNB, email:valmircomunica@gmail.com.

³ Estudante de graduação do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília FAC-UNB, larislins24@gmail.com.

dimensões da comunicação antirracistas nas redações dos jornais tradicionais, na imprensa negra e nas assessorias de imprensa, que por sua vez produzem ou pautam a produção de parte significativa das publicações jornalistas na atualidade.

É importante destacar a consolidação da assessoria de imprensa como atividade jornalística, no caso brasileiro, conforme aponta Chaparro (2003), que diferente de outros países o Brasil consolidou as experiências únicas de assessoria a partir de práticas jornalísticas.

Assim, o presente trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica para apresentar brevemente a questão do negro nos meios de comunicação. Em seguida apresentamos aspectos gerais sobre comunicação antirracista e por fim considerações sobre a importância da experiência antirracista para as assessorias de imprensa, tendo como objetivo futuro fundamentar a proposição de manual com diretrizes de comunicação antirracista para assessorias de comunicação de instituições públicas.

O NEGRO NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

As questões vivenciadas pelo cidadão negro na atualidade podem estar presentes no noticiário dos telejornais ou nas matérias publicadas pelos jornais impressos, revistas ou sites jornalísticos, contudo, o relato desses fatos não garante que estas questões sejam devidamente discutidas pelos órgãos da imprensa e muito menos contribuam com um aprofundamento da temática na sociedade, pois muitas vezes são tratados como fatos isolados, estereotipados e sem que necessariamente esteja presente a ótica racial negra, seja pela ausência de personagens ou especialistas negros nas narrativas. Para melhor refletir sobre o assunto importa observar no noticiário referente à cultura de outros imigrantes brasileiros, como portugueses, italianos, alemães e japoneses.

Em conformidade com Marques de Melo (2006), a imprensa brasileira possui forte ligação com o modelo de imprensa estadunidense e, por esta razão, é possível inferir sobre a tendência pela cobertura majoritariamente factual, a partir de fatos isolados, que não seria uma especificidade da cobertura sobre questões vivenciadas pelo cidadão negro. Já a ausência da ótica racial pode ser vista como uma ‘herança’ da democracia racial, pois a partir da perspectiva dessa ideologia, o Brasil é um país mestiço em que não é necessário ressaltar especificidades raciais no noticiário cotidiano.

É possível refletir que o sentido de democracia racial teria grande influência no fazer jornalismo da atualidade. Entende-se que esta poderia ser a justificativa para que as páginas policiais dos jornais noticiem, diariamente, sobre o assassinato de jovens na periferia, sem necessariamente fazerem menção à cor da pele ou à identificação racial.

A identificação racial está comumente presente nos boletins de ocorrência da polícia, que são utilizados como fontes para boa parte das matérias, ou seja, é uma decisão jornalística não divulgar essa informação. A violência contra a população negra no Brasil é uma realidade cruel, que pode ser compreendida como fruto de diversos processos como os séculos de escravidão, a discriminação, a falta de oportunidades (educação e empregos) e a ideologia da democracia racial contribuiu para a ausência de uma discussão sobre os problemas raciais nos veículos de comunicação tradicionais e na sociedade como um todo. A imprensa, por sua vez, tem um papel de destaque em todo esse processo, uma vez que é responsável pela divulgação dos fatos e, desta forma, colabora com as discussões geradas na sociedade e a naturalização da problemática negra (ARAÚJO, 2021). Por essa razão, a negritude, seja por meio dos órgãos dos movimentos sociais ou de ações individuais, buscou a criação de canais de comunicação comprometidos com a temática negra e com a comunicação antirracista.

COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

A discussão sobre comunicação antirracista precisa ser precedida de uma abordagem sobre racismo a partir de uma reflexão histórica, até porque a compreensão de raça que defendemos é social, mas que construída e fortemente disseminada a partir de uma ideologia de racismo biológico, eugenismo e necropolítica. Para Sodré (2023, p. 236) “o que existe mesmo é a "relação racial", quer dizer a relação social atravessada pelo imaginário de raça, ancorado em diferenças de gradação de cor de pele”.

No entanto, foi criada no Brasil uma ideologia racial para sustentar que o processo de escravização dos africanos, a exploração e as nossas relações raciais eram menos danosas - a democracia racial. Conceito, desde sempre rechaçado pelos movimentos negros e imprensa negra (MOURA, 2014), por outro lado a ideologia da democracia racial foi fortemente difundido pelos meios de comunicação brasileiros. O preconceito racial no Brasil está relacionado aos estereótipos sobre os indivíduos e o seu grupo. Já a discriminação racial pode ser a diferenciação de tratamento que os participantes de

determinados grupos sofrem, podendo ser de forma direta, como em uma ofensa baseada na condição racial ou indireta, que está ligada a regras impostas e assim muitas vezes essas ações são tidas como não intencionais ou subjetivas.

No processo de inércia do Estado frente a uma realidade caótica de um grupo específico – negro – está associado ao conceito de necropolítica, que seria uma forma contemporânea de subjugar a vida ao poder da morte. Esse conceito defendido por Mbembe (2018) descreve a situação do negro na colonização escravagista de países como Brasil e Estados Unidos, bem como no apartheid sul-africano ou ainda nos contextos de guerras, homicídios e até suicídios de indivíduos negros na atualidade. Conforme Mbembe (2018), a partir da necropolítica o Estado tem o poder e a capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (2018, p. 5). A partir desse conceito de necropolítica podemos pensar na relação dos homens e mulheres negras frente à realidade brasileira forjada por uma compressão racista de inferioridade dos descendentes africanos e ao mesmo tempo uma negação às práticas racistas, por meio da ideologia da democracia racial. Assim, a luta antirracista é uma necessidade da sociedade brasileira e não o contrário para o mínimo avanço civilizatório dela.

É importante pensar nesse papel histórico do Estados (primeiro português e depois brasileiro) agindo contra os povos negros, no papel da mídia hegemônica na defesa do racismo biológico e depois na falácia da democracia racial a consequência é a formação de uma opinião pública no Brasil sobre os impactos da escravidão, do racismo e da necropolítica exigiu a estruturação de uma luta antirracista e por consequência de pensar em uma comunicação antirracista, de forma ampla que colabore inclusive com a mobilização do povo negro e do não-negros sobre a sua responsabilidade no processo. Diversos autores, sobretudo do pensamento afrodiásporo chamam atenção para a o papel da Comunicação na luta antirracista, como Kendi (2020), que examina a comunicação como parte fundamental da luta antirracista e da construção de uma sociedade mais equitativa, a partir do reconhecimento, da responsabilidade e da construção de coalizões.

É importante compreender a comunicação antirracista precisa como uma abordagem de linguagem e as interações são utilizadas para desafiar e combater o racismo e promover a igualdade racial. Podendo estar presente na comunicação institucional e comercial para alcançar a opinião pública. Em um país marcado pelo racismo e suas mazelas, a partir de um forte papel do Estado para institucionalizado, este mesmo Estado

e a sociedade – como um todo e não apenas as pessoas negras – têm um papel preponderante na promoção de uma comunicação antirracista.

IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO ANTIRRACISTA

A partir das leituras dos estudos afrocentrados é possível pensar num novo momento de comunicação com mudanças em sua estrutura, com o objetivo de se aproximar dos cidadãos e cidadãs e atender as demandas dessas pessoas. A eficiência do serviço público se atrelou à democracia na pressuposição de que “o Estado é tão mais eficiente quanto mais democrática for a sua administração” (NOVELLI, 2006. p 81).

Neste contexto, foram criados em 2003, no início da primeira gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) com o objetivo de inserir pessoas negras, em locais de articulação política e tomada de decisão. Em 2023 o presidente Lula criticou o Ministério da Igualdade Racial.

No entanto, apesar dos avanços nas políticas de inclusão e participação social para a população negra, a dinâmica das relações sociais e raciais no Brasil ainda afastam e excluem pessoas negras destes espaços, levando em conta que o racismo domina a estrutura e as instituições. Para além de representatividade, a participação de pessoas negras na criação de produtos comunicacionais é essencial para apresentar uma variedade única de experiências, histórias e perspectivas a partir de uma visão de mundo baseada em vivências negras, principalmente em um país onde a negritude representa a maioria da população.

Uma comunicação que favorece a diversidade e o pluralismo também é eficaz para desfazer estereótipos racistas e na promoção de uma imagem mais realista desta comunidade. Profissionais negros tem um entendimento maior sobre as demandas e particularidades da comunidade e, por isso, ainda agregam mais credibilidade na retratação desses temas.

Nesse sentido, a comunicação antirracista frente da busca por uma comunicação mais democrática e participativa, comprometida com a desconstrução de estereótipos relacionados à comunidade negra, pautada e expressa as demandas desse grupo, mesmo quando o assunto não se relaciona com temáticas raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa considerar que a comunicação antirracista contribui para a preservação e para a construção da memória negra, compreendendo que a memória é fundamental para a identidade cultural e histórica dessa população. Esse tipo de comunicação precisa ganhar espaços, como na imprensa negra - que vem passando por um processo de fortalecimento - mas também no jornalismo como um todo e nas assessorias de imprensa, tendo em vista seu papel na construção de conteúdos que ajudam a pautar a mídia ou são simplesmente reproduzidos a partir do processo de precarização das redações. Assim, a criação de um manual de comunicação antirracista que transcenda as redações jornalísticas e possa alcançar agentes da comunicação pública e institucional pode auxiliar no fortalecimento da comunicação antirracista.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, V. T. **O que é a Imprensa Negra?** Diálogos sobre comunicação e negritude no Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2021.
- KENDI, I. X. (2020). **Como ser antirracista**. Rio de Janeiro, Ed. Alta Books, E-book.
- MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MARQUES DE MELO, J. **Teorias do jornalismo: Identidades Brasileiras**. São Paulo: Editorial: Paulus, 2006.
- MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. 2ª Ed. Anita: São Paulo, 2014.
- NOVELLI, A. L. C. R. O papel institucional da Comunicação Pública para o sucesso da governança. Organicom, 2006.
- SODRÉ, M. **O fascismo da cor: Uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis, Editora Vozes, 2023.